

O FIGUEIROENSE

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DO CONCELHO DE FIGUEIRO DOS VINHOS

PROPRIEDADE DO CENTRO REPUBLICANO CINCO DE OUTUBRO

Editor

José Francisco da Silva

Director e Administrador

Arthur de Paiva Furtado

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$20
Seis mezes	\$60
Brazil, anno	2\$00
Africa, anno	1\$20
Numero avulso	\$03

Annunciam-se as obras das quaes se receba um exemplar

Publica-se aos sabbados

Administração, composição e impressão na typographia do

CENTRO REPUBLICANO

Rua da Agua — FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Annuncios - cada linha	\$04
Repetições	\$02
Imposto do sello	\$01

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director

Originariaes sejam ou não publicados não se restituem

Annuncios permanentes e communicados preços convencionaes

Vamos para a guerra

PREPARANDO-NOS

para a paz

O nosso illustre collega da capital *A Opinião*, publicou no seu numero 39, do proximo passado sabbado, um magnifico artigo allusivo á nossa entrada na guerra, que, com a devida vénia, não resistimos a transcrever.

E que na verdade a doutrina ali expandida é, a nosso vêr, aquella que n'este momento grave da nossa Historia melhor acatella os sacratissimos interesses da nossa Patria, que a todos sobrepaja.

Os nossos presados leitores que o ponderem e decerto concordarão com o nosso modo de vêr a seu respeito.

Eil-o :

«Nunca será demais repetir que preparar o exercito não é desorganisar a nação. Até nos paizes em lucta aberta com a Alemanha, até na propria França assim se tem pensado. Ainda hoje publicamos um telegramma do nosso correspondente, que se refere aos trabalhadores militares agricolas, do qual se depreheende a solicitude do governo da Republica Franceza, n'este assumpto. Com mais razão, nós, que apenas teremos de dar um contingente para a guerra em relação com as nossas forças, nós, que não temos como a França o nosso territorio invadido pelo inimigo, nós que só entramos na contenda por um dever de honra, não devemos sacrificar cegamente todos os interesses vitaes do nosso paiz á preparação de mais forças militares que aquellas que legitimamente possam ser reclamadas pela nossa aliada Inglaterra em cumprimento dos nossos compromissos seculares.

Posto o problema da nossa participação na guerra nos seus verdadeiros termos, nenhuma contingencia vemos de natureza a necessitar a desorganisação da nossa vida economica, nem mesmo a causar-lhe nenhuma perturbação profunda. Bastará, para se evitar inuteis sacrificios, que haja por parte da auctoridade

militar o desejo sincero de attender ás necessidades irrefragaveis da nossa agricultura, da nossa industria e do nosso commercio ao organisarem-se as forças expedicionarias destinadas a batalhar n'este ou n'aquelle ponto, conforme se acordar com a nossa aliada Inglaterra,

A esta até não póde convir que se dê a desorganisação das nossas forças vivas. Não foi com o intuito de a evitar que a nossa aliada por tanto tempo nos aconselhou a pedir que mantivessemos a nossa attitudo de expectativa sem declararmos a beligerancia?

E' que além e até em alguns casos acima dos serviços que lhe podemos prestar nos campos de batalha estavam e ainda podem vir a estar os que lhe poderemos assegurar no campo da actividade industrial.

Não desconhece o governo nenhuma d'estas considerações e é certo que a sua acção se fará sentir no sentido de salvaguardar os legitimos interesses das nossas classes trabalhadoras, evitando a ruina de emprezas que representam um importante capital social e constituem a garantia da nossa vida economica no presente e no futuro.

Nem sempre durará a guerra e ao terminar ella, surgirão tempos mais difficeis ainda que o presente. A situação economica de vencedores e vencidos será tão calamitosa que mal se prevê como uns e outros poderão refazer-se das suas perdas. Saibamos aproveitar a situação privilegiada que nos cabe entre os beligerantes pela distancia a que nos achamos dos campos de batalha para nos habituarmos a suster o embate da terrivel crise se possivel fôr até aproveitar d'ella para o desenvolvimento da nossa industria e do nosso commercio.

A politica moderna tem-se tornado accentuadamente commercial. A propria guerra actual é a prova d'isso. Após ella mais ainda se pronunciará pela força das cousas essa tendencia. Estejamos promptos a participar tambem n'essa outra lucta que vae começar logo após a paz.»

DR. GUILHERME MOREIRA

Noticia *A Opinião*, jornal de Lisboa, que, n'um theatro, em Coimbra, um artista apresentára a *silhouette* do dr. Guilherme Alves Moreira, e que, estando este presente, fôra alvo d'uma grandiosa e imponente manifestação de sympathia, não só por parte da academia, como tambem por parte de todos os outros espectadores.

Temos pena de não ter assistido a tão justas manifestações, feitas a este sabio que é ao mesmo tempo um Bom, e um grande character, para a ellas nos associarmos e n'ellas tomarmos parte, e folgamos que os moços estudantes e o povo de Coimbra se manifestasse d'esta fórma, para que lá fôra, onde o venerando sabio é considerado como um talento mundial, se fique sabendo que o povo portuguez admira e não deixa no olvido um homem que é uma gloria nacional, uma mentalidade das que raro apparecem, e um cidadão que, ainda fôra das fronteiras de Portugal, honra a patria onde nasceu, pela justa admiração que lá é consagrada aos fulgores do seu talento e ás suas qualidades de character.

FACTOS E OCCORRENCIAS

Ribeiro de Carvalho

Propositadamente para felicitar este illustre parlamentar evolucionista, pela sua escolha de chefe do gabinete do sr. ministro do Fomento, seguiu para Lisboa na passada segunda-feira, 3 do corrente mez, o nosso querido amigo e sr. Joaquim Lacerda Junior, d'esta villa.

Velho e dedicadissimo amigo de Ribeiro de Carvalho o nosso bom amigo e sr. Lacerda Junior não podia deixar de cumprir este gratissimo dever, e se mais cedo o não fez foi unica e exclusivamente por os seus affazeres d'isso o impedirem.

Com todos os figueiroenses amigos acompanhamos aquella nosso patricio n'esta merecida homenagem ao talentoso representante parlamentar do nosso circulo, cuja correcção de procedimento e constantes serviços o tornam legitimo credor da nossa melhor gratidão, contando, effectivamente, no nos-

so concelho as mais valiosas e sinceras dedicações.

Valioso subsidio

Devido aos bons officios do nosso diligente deputado e presadissimo amigo sr. Ribeiro de Carvalho, que foi verdadeiramente incansavel na demonstração da Justica que acompanhava o pedido da digna Camara Municipal d'este concelho, o sr. ministro da Instrucção deferiu a esse pedido concedendo o importante subsidio de dois contos de réis para a construcção do edificio escolar do sexo feminino d'esta villa.

Só quem como nós conhece a falta que esse edificio estava fazendo, é que póde avaliar da necessidade que havia da sua construcção, e assim da urgencia de deferimento da representação da digna Camara.

Apesar d'isso ha uns poucos de mezes que essa representação dormia o somno dos justos nos archivos ministeriaes, onde certamente continuaria sem despacho se a entrada do novo ministro da pasta da Instrucção e a intervenção do nosso illustre deputado não viesse mudar a face das cousas.

Felizmente a mudança deu-se e o nosso concelho terá dentro em breve esse melhoramento, por falta do qual dezenas e dezenas de crianças vinham sendo privadas da luz bemdita da instrucção.

Estrada das Bairradas

A zelosa Camara Municipal do nosso concelho dirigiu ao sr. ministro do Fomento uma representação pedindo que fosse com urgencia dotada a chamada estrada das Bairradas, que nos ha de ligar com o districto de Castello Branco, e que n'ella fossem sem demora abertos os respectivos trabalhos—unica maneira de acudir á gravissima crise que assoberba as classes pobres.

Effectivamente estando as subsistencias carissimas e tendo o governo prohibido a sahida de homens dos 17 aos 45 annos, para fôra do paiz, deixarão d'ir ás ceias da Hespanha centenaes de trabalhadores do nosso concelho, que por essa epoca aqui não tem trabalhos agricolas e que perecerão com suas familias á mingua de recursos, se não encontrarem nas obras publicas trabalhos onde se empreguem.

E' na verdade uma situação gravissima e bem andou a nossa

digna Camara em expô-la ao governo, que decerto não deixará de attendel-a com a urgencia que o caso reclama.

Porque seria!

Anda muita gente com curiosidade de saber porque é que o jornal dos seus correligionarios nem uma palavra disse sobre a estada na nossa terra do eminente advogado dr. Alexandre Braga.

Uns attribuem o facto áquella tremenda descompostura que elle lhe deu em pleno tribunal onde nos dizem que os comparou aos *judeus* e lhe chamou nomes muito feios... Outros querem ainda explicar o extranho caso no desgosto que o illustre advogado sentiu e que particular, mas energeticamente, *lhe fez sentir* de ver invocar o nome do partido republicano portuguez para cobrir baixezas que as mais infames quadrilhas de salteadores se negariam a perfilhar.

Afinal uns e outros se enganaram. Attribuiram **vergonha** de mais onde só havia... **juizo** de menos.

O milho

O sr. José Miguel Fernandes David dizia no jornal de que é proprietario e redactor principal, na passada semana e na tal local *em que apontava ao povo os celeiros dos lavradores*, que era falso a Camara ter requisitado milho ao sr. governador civil, porque se tal houvesse feito, acrescentava elle, esse magistrado era sufficientemente correcto para não deixar de dar as providencias que lhe fossem pedidas.

Pois afinal e logo no dia immediato á publicação da *celebre local*, é o mesmo José Miguel Fernandes David quem, por ordem do seu chefe districtal, tem de officiar á Camara, para saber d'ella, *em resposta ás suas requisições*, qual a quantidade exacta que a Camara desejava para abastecer os mercados do seu concelho!

Agora que continue a dizer lá no tal jornal que era falso o pedido de milho feito pela Camara, que de resto não só pediu o milho mais d'um mez como se promptificou a pagal-o de prompto e a vendel-o sem ganho, para que as classes pobres, o tenham nas melhores condições possiveis.

O peor é que já vem carissimo de fóra, e assim caro tem de ser vendido, apesar de fornecido pelo governo sem pagamento de direitos.

Joaquim Furtado Saraiva

Encontra-se n'esta villa este nosso presado amigo, representante da casa José d'Oliveira Méca, com armazem de lanificios em Lisboa.

Em prol dos pobres

O nosso presado amigo e sr. Joaquim Lacerda Junior, d'esta villa, procurando concorrer para suavisar a tremenda crise de subsistencias com que luctam as classes pobres do nosso concelho principia na proxima semana a pagar mais seis centavos por dia aos homens e dois ás mulheres que traz empregados no cultivo das suas propriedades.

Se os mais lavradores assim fizerem ainda esses pobres trabalhadores poderão ir governando a sua vida, do contrario não ha meio d'elles poderem pagar o milho a oitocentos réis e a mais cada alqueire, que é por quanto elle já correu no ultimo mercado d'esta villa.

Photographia

Ainda se encontra n'esta villa o nosso amigo sr. Seraphim Moreira, socio da muito conhecida e acreditada photographia do Porto, da firma Correia & Moreira.

Tivemos occasião de visitar o seu atelier em frente do Club, n'esta villa, onde vimos alguns trabalhos de perfeito acabamento.

Como o nosso amigo Moreira deseja retirar breve, prevenimos os nossos presados leitores e amigos que se desejem utilizar dos seus serviços, a aproveitarem os poucos dias que elle ainda aqui se demora.

A nossa carteira

Francisco Magno Adrião Lagôa

Tivemos o prazer de abraçar este nosso presado e velho amigo, digno conductor d'obras publicas, que aqui veio para assistir á arrematação d'empreitadas da ponte sobre o rio Zezere.

Enfermo

O nosso presado amigo e antigo assignante, sr. Domingos Henriques de Mattos, que veio com sua virtuosa esposa fixar n'esta villa a sua residencia, na esperança de encontrar n'este bello clima alivios aos seus padecimentos; tem estes dias passado mais incommodado devido ás alterações atmosphericas.

Oxalá que em breves dias o nosso amigo obtenha as melhoras que deseja, para o que fazemos votos.

Visitas

Estiveram n'esta villa, ajudando o reverendo párocho nos serviços de confissões, os nossos amigos e srs. padres Manuel de Sousa Ribeiro, párocho em Ancião; José Lopes da Rocha, párocho do Avelar; Manuel Mendes Gaspar, párocho de Chão de Cou-

ce e o reverendo padre Rosa, do Avelar, sacerdotes aqui muito respeitados pelas suas virtudes e exemplar conducta.

E' sempre para nós motivo de satisfação vêr estes nossos amigos e respeitaveis ecclesiasticos, e, por isso, muito folgamos ter occasião de os cumprimentar.

Era vinho...

Então, Nadafaz, já te passou aquella grande bebedeira da semana passada?

Não tens vergonha nenhuma, diabo!

Andaste para ahi algum tempo a curtil-as contigo e nós a pensarmos que já tinhas largado esse excommungado vicio!

Em tu tendo dez réis no bolso já se sabe que é bebedeira certa e depois se te falta um dia a cevadita do emprego, do que estás bem arriscado, pões-te para ahi a gritar que tens fome e que está tudo pelas horas da morte.

Ora se tu guardasses para então o que agora te sobeja e andas para ahi a gastar em vinhaça, tinhas a tua vida governada e escusavas de andar a fazer comédias pela rua e a vomitar asneiras no *canudo*.

Eu bem sei que o teu pensar é outro e outra a fórmula porque tu pensas em remediar a vida, porque tu mesmo te encarregaste de descobrir-nos o plano nas *taes locaes do vinho*, que te não sahe da cabeça, e *do milho*, cuja falta já te faz calafrios.

Mas não te fies n'isso, Nadafaz, que é arriscado, porque se escapas d'um assalto ou dois, lá dás por fim com algum lavrador mais *vigilante*, que dá contigo na *ratada* e te deixa os ossos sem concerto quando te não acabe logo com a cadella da vida.

Segue os nossos conselhos, Nadafaz; não te tornes a embebedar, cara sem vergonha, e algum dinheirito que vás agarrando ás partes *aferrolha-o* bem, olha que elle é capaz de te ser preciso *mais depressa do que tu pensas*...

Nota final

Se vires que não tens força para deixar o *negregado vicio*, pede ó sr. padre Manuel que te faça uma rezasinha. Talvez seja *mau olhado* que te *prantaram*, se é que não é o proprio diabo que tu trazes no corpo.

Mas acautela-te com o padre não vá elle curar-te para uma vez.

A FALTA DE MILHO

A ideia do Sr. Joaquim Lacerda Junior

Continua a falta de milho de milho nos mercados d'esta villa, e a situação do povo, para quem o pão de milho constitue o principal e indispensavel elemento da alimentação se é já bem affitiva por essa falta.

Sabemos que o nosso amigo Joaquim d'Araujo Lucerda Junior se empenha em conseguir o abastecimento d'este cereal, e oxalá que todos tivessem adrido ao que elle em tempo propoz n'este jornal, que não teria havido a escassez que tem havido nos mercados.

Estamos convencidos, de que, se a ideia d'aquelle nosso amigo tivesse sido posta em execução, n'este momento, se não sentiria tanto a falta que actualmente se tem sentido, e a tão alto preço não teria este anno, aqui chegado o milho; e bom é que aquelle nosso amigo, não abandone aquella ideia, até que todos a compreendam e meditem, e, na sua execução, o auxiliem, porque, elle, só por si, não pôde leval-a a effeito.

Na verdade, se todos aquelles que o podem fazer, se juntassem, e comprassem, ao novo, milho para depois venderem ao povo, sem ganho, e portanto mais barato, prestavam um auxilio de grande importancia ao povo d'este concelho, que tambem depois d'essa boa obra, não seria tão ingrato que deixasse aquelles que assim o auxiliassem, para ir comprar a outra parte.

O celeiro commum assim lembrado por aquelle nosso amigo Lacerda Junior, e para o qual elle adiantava, sem lucros, a avul-

tada quantia por elle já aqui declarada, é pois uma necessidade para o nosso povo; e, já que no anno passado, d'isso se não tratou, isso não deve ficar esquecido para a primeira occasião.

E' um bem, o fazer bem, seja a quem fôr, e, por isso, este caso, recommenda-se a todas as pessoas de bom coração, e não pôde deixar de vêr se se leva a effeito, embora n'isso se faça sacrificio.

Nós sabemos bem que o lavrador não pôde, com os elevados salarios egidos pelos trabalhadores, vender barato o seu genero, ou demoral-o em casa, porque tambem tem de pagar, a tempo, suas despezas, porque os outros, que tambem tem de governar a sua vida, lhe não podem estar á espera.

Mas, se os generos estiverem baratos tambem os jornaleiros comprehenderão que não devem exigir salarios fóra de conta, e que os lavradores lhes não possam pagar, e com o celeiro commum, em se tirando para elle o que mais tarde era preciso para abastecer o povo, tambem não era preciso, os lavradores estarem a retardar, precisando do dinheiro, a venda do seu genero para mais tarde, e com o risco de, depois, o não venderem a tempo de lhes não dar prejuizo.

Deve pois estudar-se e pôr-se em pratica na primeira occasião, a ideia do nosso amigo Joaquim d'Araujo Lacerda Junior, porque é uma ideia boa, e que beneficia o povo, e que por isso, se deve executar.

Assim, pois, agora que se vê

e sente bem o que se poderia ter aproveitado com a ideia d'aquelle nosso amigo, é bom que se pense n'ella, e nos beneficios que ella traz ao povo, e que na primeira occasião, se execute.

Agua mole em pedra dura, tanto bate até que fura; e, por isso, nós cá iremos sempre *martelando*, até que todos se cheguem a convencer do que é preciso pôr em pratica a ideia d'aquelle nosso amigo certos de que, depois de se verificar os beneficios que d'ella vem ao povo, todos hão de reconhecer a utilidade que vem da execução de tal ideia, e todos hão de ficar satisfeitos e ter orgulho em ajudar a levar a effeito.

Assim o esperamos.

S. A.

MEDICINA VETERINARIA

A raiva nos animaes

Tratei ha dias da epizootia do mórmo e incidentalmente alludi á da raiva, dizendo que ambas estavam agora assumindo em Portugal uma expansão alarmante. Falemos, pois, da raiva.

Tão conhecida desde os mais remotos tempos, a raiva nos animaes, no cão sobretudo, ainda hoje passa despercebida a muita gente, e não raro se praticam graves imprudencias, como é a de abrir a bocca do cão raivoso, suppondo-o apenas em gasgado, bater no cão, quando este se torna estranhamente aggressivo, etc. Por onde se vê a conveniencia de tornar bem conhecidos do publico os signaes ou symptomas mais impressionantes e caracteristicos da raiva canina e seguidamente divulgar o processo a empregar para que o horroroso mal não se comunique a outros animaes e ás pessoas.

Quem possui um cão desde algum tempo, conhece-lhe bem o caracter, o modo habitual como elle procede para com as pessoas da casa e as pessoas estranhas; e ainda para com os outros animaes que se lhe approximam. Esse conhecimento permite notar as alterações subitaneas do caracter do cão e taes alterações tornam logo muito suspeito o animal. Em regra, quando um cão, habitualmente afavel, brincalhão e acariciador, de repente se transforma em taciturno, indifferente ou aggressivo, ha razão para o suspeitar atacado de raiva, impondo se immediatamente o prudente sequestro ou encerramento cauteloso do animal, respeitando-lhe a mudança de caracter até que por uma vigilancia ou observação rigorosa a suspeita se confirme ou se desvaneca.

O tempo necessario para essa observação não é longo, porque, se realmente o animal está affectado de raiva, a morte sobrevem d'entro de poucos dias, geralmente menos de uma semana, apresentando no entretanto varios signaes caracteristicos da molestia. Entre estes apontarei como principaes, os seguintes: O cão tem alternativas de mania e de melancolia, isto é, está ora agitado, ora deprimido. Quando agitado, deita se e levanta se constantemente, passeia, e de repente para, tem alucinações acusticas, parecendo ouvir ruidos que só devem existir na sua imaginação; outras vezes tem alucinações visuaes, imaginando ver no ar, por exemplo, môscas que procura apanhar com a bocca, irrita-se e aggride, mordendo tudo ao seu alcance.

Quando deprimido, permanece deitado, alheio a tudo que o rodeia, esconde-se debaixo dos móveis e,

se alguem o tenta tirar d'essa inação, revolta se, entra em furor e morde.

O cão raivoso, apesar de visivelmente alucinado, ainda conhece o dono e as pessoas da casa, respeitando-as e poupando-as no furor que periodicamente o acommette; mas nunca essas pessoas devem confiar demasiadamente em tal condição, porque não raro o cão perde de todo o sentimento habitual e morde seja quem fôr.

Um dos symptomas mais caracteristicos da raiva canina no seu inicio, embora nem sempre se produza, é a fuga do animal. O cão foge da casa do dono, pela porta ou pela janella e, n'uma corrida doida, afasta-se para muito longe, mordendo no caminho animaes e pessoas e só passados um, dois ou tres dias, é que volta a casa, exausto de forças, n'um estado lastimoso.

Por vezes o cão damnado, perdendo o instincto, rasga, mastiga e engole corpos estranhos, não nutritivos, sobretudo roupas, tapetes, etc., podendo depois vomitar esses farrapos. Tambem por vezes lambe a sua propria urina e come os seus proprios excrementos. Symptomas estes quasi privativos da raiva, bastando elles por isso para que o observador possa diagnosticar a doença com uma certeza quasi absoluta.

Os signaes que acabo de referir pertencem á raiva chamada *furiosa*. Ha porem a raiva *muda* ou *paralitica*, manifestada logo de começo por paralisia das maxillas, permanecendo semi-aberta a bocca do animal, que então só muito difficilmente pôde morder; outras vezes a paralisia aparece nos membros, principalmente os posteriores e em qualquer dos casos pouco a pouco se vae estendendo a todos os musculos.

Pode se dizer que a raiva, quer primeiro seja furiosa, quer desde principio seja paralitica, termina sempre pela paralisia que, atacando por ultimo os musculos da respiração acaba por asfixiar e matar o animal, ao fim de cinco a sete dias volvidos sobre o aparecimento da doença.

Um ponto que muito convem esclarecer é o que diz respeito á *incubação* da raiva, isto é, ao tempo que decorre entre o dia em que o cão foi mordido por animal damnado e o dia em que lhe aparecem os primeiros signaes da raiva. Esse periodo é muito variavel, mas a sua média é de uns quarenta dias, havendo porém excepções bem averiguadas em que a incubação maxima foi de treze mezes e outras em que a incubação minima foi apenas de uma semana. Estes casos da maxima e da minima incubação são rarissimos.

Outro ponto tambem importante de conhecer é aquelle que consiste em saber desde quando a saliva ou a mordedura do cão se torna virulenta, isto é, susceptivel de transmitir a raiva. Suppunha se que a saliva só era virulenta depois de se manifestarem os primeiros signaes da molestia; hoje porém sabe-se positivamente que já o é tres dias antes d'esses primeiros signaes.

Muita gente continúa a acreditar que o cão só é raivoso, quando na marcha mete a cauda entre as pernas; mas essa creença nada tem de scientifica. Tambem muita gente supõe que o cão damnado tem horror á agua, symptoma que se chama *hidrofobia*; mas está provado que o cão raivoso, embora tenha difficuldade ou mesmo impossibilidade de degluir liquidos, todavia não tem nenhum horror á agua, pois até se tem visto cães raivosos atravessarem rios a nado.

O cão damnado por vezes solta um uivo especial, agudo, prolongado e lugubre, muito caracteristico.

(Continúa)

(Da Gazeta das Aldeias)

Annuncio

COMARCA

de

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

(1.ª publicação)

PFLO Juizo de Direito da comarca de Cintra, cartorio do terceiro officio, escrivão Antonio Francisco Padinha Dias, são citados Manuel Simões Vinhas e sua mulher, Maria da Graça, e José Henriques, que foram residentes no lugar da Povoia, freguezia de Campello, comarca de Figueiró dos Vinhos, e actualmente ausentes em parte incerta nos Estados Unidos da Republica do Brazil, este com sua mulher Luiza da Silva como representantes do fallecido Manuel Henriques, marido da co-herdeira legataria Engracia Maria, e aquelles como representantes do fallecido Antonio Simões, marido da co-herdeira legataria Maria do Carmo, para no prazo de quarenta dias, a contar da ultima publicação do respectivo annuncio, assistirem aos termos da partilha adicional a que se vae proceder no inventario orphanologico por obito de Antonio Ferreira do Amaral, morador que foi na Quinta da Amadora, freguezia de Bemfica, concelho de Oeiras, e comarca de Cintra, e no qual é cabeça de casal seu irmão o padre Eduardo Ferreira do Amaral, morador no lugar da Amadora, e n'elle de-

duzirem os seus direitos, sem prejuizo do seu andamento.

Figueiró dos Vinhos, 2 de março de 1916. E eu, Annibal Veiga Ferrão Paes, escrivão que o subscrevi.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Elisio de Lima

CAIXEIRO

OFFERECE-SE com 7 annos de pratica de fazendas, miudezas e mercearia. Livre da vida militar.

Quem pretender dirija-se á **Loja do Povo**

ALMEIRIM



FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Serviço de automoveis

a preços modicos

João Luiz Junior, proprietario do hotel e da alquilaria figueiroense, adquiriu tambem para alugar mais um magnifico automovel com logares para cinco pesssoas com o qual faz serviço para qualquer localidade.



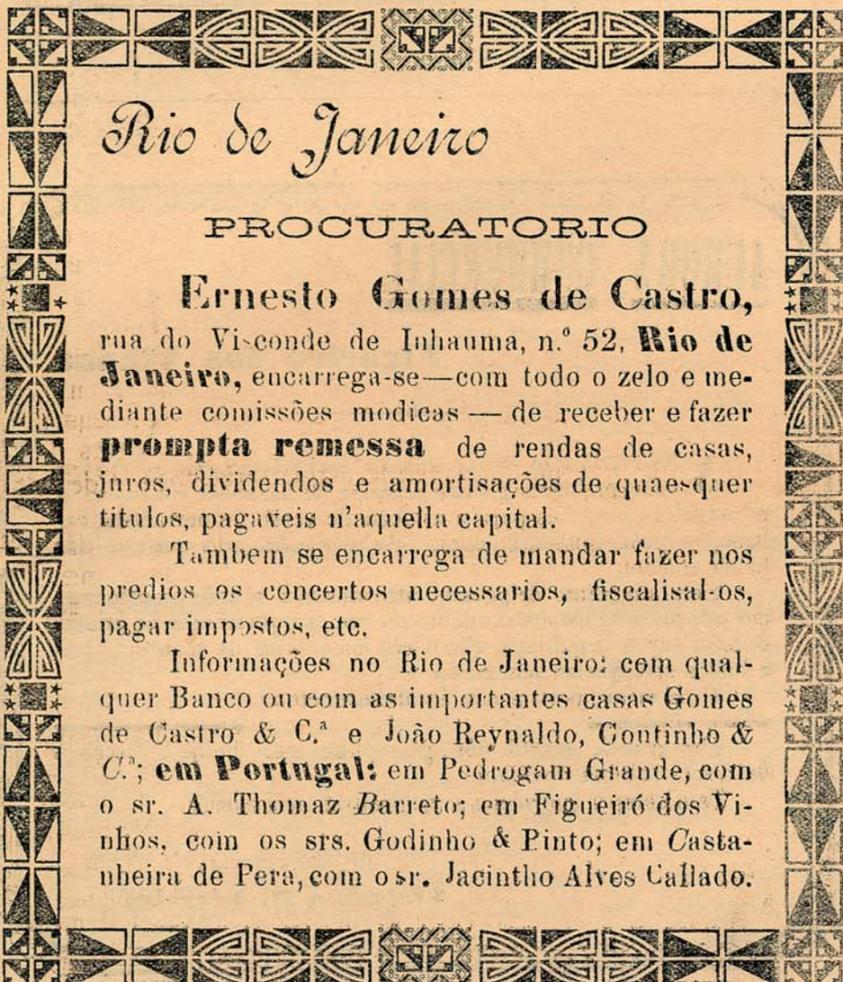
Rio de Janeiro

PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua do Vi-conde de Inhauma, n.º 52, **Rio de Janeiro**, encarrega-se—com todo o zelo e mediante comissões modicas—de receber e fazer **prompta remessa** de rendas de casas, juros, dividendos e amortisações de quaesquer titulos, pagaveis n'aquella capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalisal-os, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer Banco ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.ª e João Reynaldo, Continho & C.ª; **em Portugal:** em Pedrogam Grande, com o sr. A. Thomaz Barreto; em Figueiró dos Vinhos, com os srs. Godinho & Pinto; em Castanheira de Pera, com o sr. Jacintho Alves Callado.



RELOJOARIA E OURIYESARIA

— DE —
MANUEL LOURENÇO GOMES DOS SANTOS
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O proprietario d'esta muito antiga e acreditada casa desejando corresponder por fórma condigna ao favor publico, resolveu fazer uma sa de relógios para todos De algibeira desde sendo estes em ouro melhor e mais acreditada.



monstruosissima remes-
 os preços.
 1 escudo até 45 escudos,
 (marca Longines) a me-

Grande e variado sortido em relógios, taes como: de sala, historicos com lindas vistas, e ainda outros com corda para **quatrocentos dias**, garantindo o seu proprietario que os affiança por 30 annos, como pôde provar-se com o testemunho de todas as pessoas por quem tem sido encarregado da sua escolha e portanto da sua garantia.

Concertos em todos os relógios a preços convidativos, sendo estes garantidos.

Estojo proprio para brinde (alto valor)



N'esta acreditada casa tambem o publico encontra uma enorme variedade de gramofones e um colossal sortimento de discos com as mais lindas e variadas peças de musica, muito proprias da actualidade.

Vende machinas de costura, por preços baratissimos e convincentes, além d'isso tem tambem machinas novas de pé e mão aos seguintes preços e a prompto pagamento: de mão, dezoito escudos, (18\$000); de pé desde vinte e cinco a trinta e um escudos, (25\$000, 31\$000); sendo estas affiançadas por cinco annos.

Compra libras e peças d'ouro antigas; bem como compra e troca ouro velho e prata

AURORA COMMERCIAL

Figueiro dos Vinhos

A ESTE antigo e acreditado estabelecimento acaba de chegar uma grande remessa de fazendas nacionaes e estrangeiras proprias para a estação de verão, importante e valiosa, já pela qualidade como pela novidade, pois que é o que ha de melhor.

Sem augmento de preços, attendendo á grande transformação porque este estabelecimento possui, simplesmente no intuito de bem servir o publico, que n'elle encontrará os mais variados e bellos sortidos ao seu gosto.

Uma visita, pois, a este estabelecimento.

Um grande sortido de gramofones com lindas colleções de discos (ultima novidade)

Tem sempre bicycletes e respectivos accessorios.

O proprietario,

Victorino R. Ferreira

Typographia de "O Figueirense,"

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Fornecem-se com rapidez, perfeição e economia todos os trabalhos typographicos

Ha em deposito grande quantidade de impressos para repartições publicas

Bilhetes de visita, em phantasia, pergaminho, marfim e luto de toda a qualidade, por preços convidativos.

HOTEL VIZIENSE REGISTADA Rua dos Douradores LISBÔA

1) **proprietario.** previne os srs. passageiros que não se deixem illudir por intrusos que se dizem empregados da casa para assim os ludibriar, levando lhes preços exorbitantes em comparação aos que actualmente tem, que são:

Almoço, separado.....	300
Chá ou café e pão com manteiga.....	100
Jantar.....	400
Diaria 800 e.....	1000
Só dormida por pessoa....	300

N'estes preços está incluindo vinho as refeições.

Peço mais a fineza de verificar o emblema do bonet, o qual tem os dizeres da casa que o empregado representa, evitando assim o irem para outra.

Mais previne que n'este Hotel tem empregados habilitados para acompanhar os srs. passageiros gratuitamente ás agências e indicar lhes a melhor fórma de embarque e conducção das suas bagagens, evitando assim o serem explorados.

Pede aos que desejam procurar o seu hotel, o avisem para os ir esperar.

N'este hotel trata-se de procurações e facilita-se o recebimento de letras.

O Proprietario
 Antonio do Carmo Caiado

CLINICA DENTARIA

Pelo medico

ADELINO D'ARAÚJO LACERDA

Figueiro dos Vinhos

Tratamento das doenças da boca e dos dentes; extração de dentes e raizes; limpeza da boca; obturações a amalgama, cimento, esmalte porcelana e ouro; colocação de dentes artificiaes e dentaduras completas em vulcanide simples ou com incrustações metalicas, d'ouro ou platina; dentes a pivôt; dentes blindados a ouro; corôas d'ouro; concertos em dentaduras partidas e limpeza de dentaduras velhas, ficando tão perfeitas e brilhantes como se fossem novas.

**Para os pobres
 tratamento gratis**